

A

NOVA MÉNEDRA,

REVISTA

DEDICADA ÀS SCIENCIAS, ARTES,

LITTERATURA E COSTUMES.



RIO DE JANEIRO,
TYPOGRAPHIA DE M. A. DA SILVA LIMA.

1846.

A NOVA MINERVA,

REVISTA

DEDICADA ÀS SCIENCIAS, ARTES, LITTERATURA, E COSTUMES.

A NOVA MINERVA publica-se todas as semanas; contém cada numero de 16 à 20 paginas de impressão.

Subscrive-se mensalmente pela quantia de 15000 réis, no escriptorio da typographia, rua de S. José n. 8.

INSTRUCCÃO PUBLICA.

A FAMÍLIA E O ESTADO.—CLAUSTROS.—UNIVERSIDADES.
—ENSINO LIVRE.—

Seria necessário escrever na America muitas paginas sobre a interessante materia da instrucção publica, como ha tanto tempo que se escreve na culta Europa, seria necessário recordar a sua importancia aos governos e a essa multidão ruidosa das nossas capitais. Porém, huma pequena publicação periodica não pôde mais do que fazer indicações de passagem, e só chamar a atenção publica e a do governo.

Ao fallar da *instrucção publica*, apresentam-se duas causas, duas tendencias moralmente unidas, porém aparentemente contra-

rias na practica; fallamos do *estado* e da *família*. As sociedades ao formar-se tem encarregado huma missão especial a seus representantes. O estado pois tem o direito e a obrigação de instruir, como os tem tambem a familia. Assim he que a *educação*, isto he, o desenvolvimento moral do coração intellectual, parece pertencer a outros, aos collegios do estado.

Para comprehender bem a instrucção, que he o epilogo, o ultimo resultado da educação, seria preciso reformar a familia, isto he, o elemento primitivo, a base da ordem futura, o germen do progresso intellectual. Aimé Marten em França tem ensaiado este metodo philosophico e elevado á mãi, eixo

GABRIEL LAMBERT,

POR

ALEXANDRE DUMAS.

XVII.

O ENFORCADO.

(CONCLUSÃO.)

- « Tu te enganas.
- « Tanto me não engano, que se o quizerdes, dir-vos-hei, eu, o que he que tendes.
- « Tu?
- « Eu, eu.
- « Está bem! dize.
- « O que tendes he querer-vos distruir, unicamente tendes medo de vos fazer mal.
- « Tornou-se branco, como a branca roupa.
- « E quem te sugerio similarmente idéa?

- « Eu o adivinhei.
- « Pois bem! sim Rossignol, tens razão, he a verdade; bem desejo matar-me, mas tenho medo.
- « Eia, estamos aqui a sós, a calceta desgosta-vos?
- « Tenho por vinte vezes lamentado o não ter sido guilhotinado.

- « Cada hum tem seu gosto.
- « Eu, confesso, que, ainda que os dias que aqui se passam não se deslismem de sobre flos de ouro e de seda, prefiro isso a Clamart.
- « Sim, mas tu!
- « Comprehendo que vossa posição actual muito desta da de outr'ora.

- « He justo, quando se teve cem mil libras de renda, pouco mais ou menos, quando se tem caminhado em ricas carroagens, de librés agaloadas, quando se tem vestido fina roupa, e fumado charutos de quatro soldos, ne fastidioso levar-se a vida da calceta, andar vestido de vermelho, e com o uniforme de cabo de esquadra; mas que queréis! he preciso ser philosopho n'este mundo, quando não se tem a coragem de assignar de mão propria o passaporte para o outro.

sobre que roda a educação, sobre todos os pretendidos mestres do coração. Era necessário este resultado, porque a mãe he o coração da família, a ella pertence a instrução do sentimento, a ella a educação das almas ternas, e os infantes que vivem dos arrulhos maternos, como os cysnes vivem das mansas ondas de seu lago cristallino. Porém deixemos a educação na sua fonte, e sigamos com a instrução. Ella pois pertence ao individuo e ao estado, á intelligencia independente, ou á intelligencia sujeita a certo sistema regulado; como conciliar, porém, estas duas modas de ensino? Poderá, ou antes deverá o estado determinar os que hão de ser os instructores? ou será melhor a independencia do ensino? Negar seu direito ao estado, he negar a sociedade, he afirmar que o governo não deve tomar parte nem empenhar-se na instrução de seus subditos, he, enfim, não interessar-se em hum dos resultados que pôdem dar mais gloria e ainda mais poder.

Ao fallar do ensino vem-nos á memoria o despotismo que exerceram outrora as universidades, e que ainda exercem hoje nos mais dos estados da America e mesmo em alguns da Europa. Ellas regulam os estudos e designam ou removem as pessoas segundo seu regulamento; arbitros dos systemas e dos ins-

truções pôdem commetter toda a classe de erros, sem outra pena que a sua propria consciencia. He innegavel o papel que as universidades tem feito na meia idade. Ellas eram consultadas em tudo e tinham privilégios especiaes que lhes asseguravam huma completa independencia. Hum escholar em França era quasi sagrado, pelo menos em causas criminais. Não pretendemos fazer a historia desta instituição; basta dizer que com a apparição dos Jesuitas, perderam muito e que com o brilho da philosophia, se perderam essas vans disputas em que viviam. Parece incrivel que a igreja tivesse sido a que promoveu mais, a que realizou melhor o ensino independente.

Os conventos, a igreja salvaram a civilização da escuridão em que a envolviam os barbaros. Ella então soube mais que ninguem; ella governou povos e reis. Era mais intelligente que todos, era mais forte porque era mais popular e soube aproveitar-se dessas circumstancias. As luzes se expandiram; a humanidade avançou; então a razão e a philosophia arrancaram o sceptro á igreja. Os Jesuitas, ao introduzir a instrução, pretendiam manter as sciencias e o poder. Se enganaram, ficaram mais atras; e as ruínas não tem podido até hoje ajuntar-se. Assim como

« Gabriel deu hum suspiro, que mais se assemelhava a hum gemido.

— « Não tens pois jamais tido desejos de te matar, tu? me perguntou elle.

— « Bofé que não.

— « Então jamais haveis pensado, entre os diversos generos de morte, qual seja o menos doloroso?

— « Pela virgem! ha sempre hum momento que deve ser terrível de passar-se, entretanto dizem que a força tem seus encantos.

— « Tu o julgas?

— « Sem duvida que o creio: diz-se mesmo que he por isso que se inventou a guilhotina. Hum enforcado, cuja corda arrebentou, tinha contado, ao que parece, cousas tão agradaveis, que os condenados acabarão de subir ao patibulo, como se fossem a bodas.

— « Deveras?

— « Comprehendes que eu não experimentei, mas he huma tradição.

— « De sorte que se te resolvesses a matar-te, tu te enforarias!

— « Certamente.

« Elle abriu a boca, julguei que ia pedir-me que nos enforcassemos juntos: mas sem duvida percebeu pela expressão do meu rosto, que eu não estava disposto a partilhar essa partida de prazer, porque elle conservou-se silencioso.

— « Pois bem! lhe digo, está decidido?

— « Ainda não de todo, porque resta-me huma esperança.

— « Qual?

— « He a de acabar hum de nossos camaradas, que, mediante huma carta evidente na qual mostre que me suiciei, consinta em matar-me.

— Entretanto olhou para mim, como para perguntar-me, se esta proposição não era a minh dirigida.

— Sacudi a cabeça.

— « Oh! não, lhe digo, nesse ponto não dou hum só passo, a confeição causa-me medo; era preciso pedir isso a Accacia, foi por hum golpe d'esse genero que elle aqui estava, e pode ser, que tornando bem todas as suas precauções, elle tivesse aceitado, mas, comigo, torna se isso impossivel.

os conventos tiveram hum dia em suas mãos a civilisação, assim agora está ella em outras mãos, no estado e nas familias. O talento não vai já hoje aos claustros; por conseguinte a civilisação moderna tem que enviar-lhes a luz.

Não ha muito que temos visto o clero frances defendendo a liberdade do ensino. Este problema ainda não se tem definido completamente em Paris, porque talvez o clero defenda os verdadeiros principios. A sua pretenção de ensinar he vã, porque não podem realizar o que não realizou S. Ignacio de Loyola, em melhores circunstancias.

As universidades da America adoptam o exclusivismo da de Paris, prohibem o ensino livre. Isto he bom? Nos povos atrasados se necessita mais da autoridade reconhecida que nas adiantadas. Os homens escassos de saber facilmente se adherem aos homens de luzes, e tiram proveito quando estes obram de boa fé. Mas vamos a nosso objecto.

A instrucção publica deve ser *primaria, secundaria e superior*. Na primeira devem comprehender-se, leitura, escrita, calculo e musica. Exigindo nós a musica não fazemos mais do que emitir a opinião d'hum philosopho frances, Mr. Royer Collard. Exigir a musica na instrucção primaria não he

— « Ao menos, logo que eu esteja bem resolvido a matar-me, tu me ajudarás no meu projecto. »

— « Quer isso dizer que não impedirei que o executeis, ei tudo em resumo. »

« Diabo! não estou aqui sendo momentaneamente, e não me quero comprometter. »

« Ah! paramos na conversação. »

« Perto de seis meses se passaram durante os quais não houve hum só momento motivo algum de questão entre nós. »

« Entretanto eu via que Gabriel mais e mais se entriseia, e conclui que elle procurava familiarizar-se com o projecto que lhe absorvia a mente. »

— « Quanto a mim, como estas reflexões assaz me entristavam, desejava com ancedadade, vel-o tomar hum partido. »

« Emfim em huma manhã, depois de huma noite de agitada insomniá, levantou-se mais pallido ainda que de costume, e como não provasse, se quer, o almoço, perguntel-lhe se estava doente. »

— « Sera para hoje, me diz elle. »

— « Ah! ah! me respondi eu, decididamente? »

mais do que alargar a esphera do sentimento, não he mais do que formar o coração do homem. Na instrucção secundaria entram os officios, e hum ensino mais elevado e util. Na superior se comprehendem todos os mais elementos que servem á intelligencia. Na primeira se formam cidadãos, na segunda homens illustrados, na terceira sabios, artistas, &c., segundo as diversas profissões que sigam.

Tal he o plano de ensino em França. Pelo menos julgamos que os ramos referidos se diferenciam muito pouco. A sua universidade possue indubitavelmente o melhor plano de estudos, plano que devem seguir todos os que respeitem as pennas que o tem traçado.

A questão para nós outros está pois em que ha muitissimos collegios e escholas que, sem termo vão aparecendo cada dia como por encanto, debaixo de faces as mais brillantes e sedutoras e com tudo ainda não se vê o augmento e solidez da instrucção primaria em proporção a aquelle numero de estabelecimentos litterarios. He necessario instruir o povo e fazel-o capaz de usar desta instrucção, porque hum dos padecimentos maiores do homem he o conhecimento de faculdades e de gozos intellectuaes e moraes que não podem satisfazer. Instrui e fa-

— « Sem falta. »

— « E haveis tomado todas as vossas precauções? »

— « Não vistes que hontem escrevi hum bilhete a lá cantine? »

— « Sim, mas não tive a indiscrição de o observar. »

— « Ell-o. »

« Deo-me hum pedaço de papel dobrado. Eu o abri, e li o que se segue: »

« Tendo-se-me tornado insupportavel a vida da calceta, decidi-me a enforcar-me amanhã, 5 de junho de 1841. »

Gabriel Lambert.

— « Por vida minha! me diz elle, como satisfeito da prova de coragem que me dava, tu vés bem que meu partido está tomado, e que minha mão não tremeu as traçar estas linhas. »

— « Sim, bem o vejo, respondi eu, mas esse bilhete me fará pelo menos passar hum mez no calabouço. »

— « Porque? »

— « Porque não diz que eu vos não ajudei em vosso projecto, porque em summa não vos deixarei enforcar. D'issó vos previno, senão com a condição de não me resultar, d'esse successo mal algum. »

zei esta instrucção applicavel. Não façaeis a ferida senão haverdeis de curar-a; abri o leito ao passo que fazei brotar a fonte. O martyrio da intelligencia he hum dos martyrios mais fortes, porque envenena o coração e ofusca a razão.

Nos lugares afastados das capitais em America perdem-se infinitos talentos por falta de recursos. Aqui deve entrar o estado, eis-ahi a sua missão de caridade, a sua missão sagrada. Encarregar-se da instrucção do jovem quando a familia não pode instruir-o, admittir no seio da civilisação à intelligencia desvalida que a miseria opprime com seu peso, eis-ahi o dever do estado. He necessário que haja hum fundo inesgotável para exercer a caridade em seu mais puro entusiasmo, isto he na protecção do talento. Levai a luz á choupana do pobre, ponde sobre a sua almofada de palha hum livro ou qualquer instrumento de musica. Hum livro he tambem hum poema musical. Dai ao talento hum meio de desenvolver-se, não façaeis esvaecer-se esse copo de aroma: perdeis talvez hum gênio; perdeis talvez hum Newton, hum Boerave; e essa perda he huma perda para o estado, para a civilisação, para a patria, e para a gloria nacional.

Admitam-se nas escolas publicas sem res-

tricção a quantos talentos justifiquem a sua miseria. Os governos não devem deixar-se disto, a sua omissão seria causa de perdas incalculaveis no caminho do progresso. O coração e o pensamento são duas coisas sagradas que deve respeitar o mundo inteiro. Sem desconhecer pois os direitos do estado, sem renunciar aos benefícios das universidades nós estamos pelo ensino livre, isto he, pelo ensino effectivo. Julgamos que a familia pode instruir e tambem o estado. O ensino particular e o ensino universitario se servem mutuamente; a oposição apparente entre elles não importa, se o fim de ambas he a civilisação e a expansão incessante do progresso humanitario.

As universidades substituindo aos claustros, onde antes se ensinava, tem feito hum progresso, e dado a morte a huma instrucção antisocial.

O PROPHETA DO SECULO XIX.

BOSQUEJO DE DANIEL O'CONNEL.

Cem palacios contra mil choupanas de terra, hum milhão de mendigos contra cem Lucutos: eis ahí a Irlanda! Porém ha hoje neste paiz desgraçado hum homem extraordinario e talvez tão audaz e grande como

— “Participo dos vossos escrupulos, lhe digo, fazendo o signal da cruz.

“ Demais, se ainda não estais resolvido de todo, guardai o negocio para outra occasião.

— “ Não, diz elle, fazendo hum violento esforço para dominar-se, não, disse que seria hoje, será hoje.

— “ O facto he, respondi negligentemente, que quando se tem tomado hum tal partido, melhor he executá-lo imediatamente.

— “ Conduzi-me pois, me diz Gabriel.

“ Pozemo-nos a caminho, elle mais se arrastava, que andava, mas eu dava ares de não reparar n'isso.

“ Depois chegamos ao sitio, que elle conhecia tão bem como eu, depois havia hum clumpin. Eu affectando nada ver, caminhava sempre.

— “ Sim, sem duvida deve ser aquil, murmurou elle, quando chegamos.

“ Prova, de que elle apreciava tanto como eu, a manifesta aptidão do lugar para o negocio.

“ Com effeito, junto a hum d'esses grandes montes de taboas quadradas, que conhecéis, elevava-se huma magnifica amoreira.

— “ O que devo então fazer? me diz elle.

— “ Escrever outro bilhete, de outra maneira concebido, eis-ahi.

— “ Concebido em que termos.

— “ Nestes, pouco mais ou menos, eis-os.

“ Hoje 5 de junho de 1841 durante a hora de repouso que nos he concedida, em quanto estiver entregue ao sono o meu camarada Rossignol, conto levar ao cabo a resolução que hei à longo tempo tomado de me suicidar, visto, ter-me tornado insuportavel a vida da calceta.

“ Escrevo esta carta afim de que Rossignol não sofra, sem ser culpado, algum castigo.

Gabriel Lambert.

“ Gabriel approvou a redacção, escreveu a carta, e a metteu em sua algibeira,

“ Com effeito, no mesmo dia, quando acabava de soar meio dia, Gabriel, que até então não havia proferido huma só palavra, me perguntou se conhecia hum lugar proprio para a execução do projecto que elle queria concluir. Vi que elle estava ainda irresoluto, e que, se eu o não ajudasse, o negocio não se effectuaria com promptidão.

Mahoma que ainda lhe dá vida e a salva de desaparecer do mappa do mundo. Ha longo tempo que elle tem commovido a nação mais poderosa do mundo e feito tremer com a sua voz de propheta aristocracia mais forte e orgulhosa que ha existido sobre a terra. Hum homem similar merece ser conhecido em todos os pontos do globo e mais especialmente nos estados da America, onde os seus principios populares encontram hum echo que responda à sua voz. Eis-ahi a eloquente pintura que de seu caracter faz huma pena possante.

Figurem-se os nossos leitores hum homem que não he nem militar, nem magistrado, nem eclesiastico, e, que na sua physionomia e em seus actos tem alguma cousa de militar, de magistrado e de eclesiastico: hum homem que sem mais forças que a sua palavra, tem chegado, n'huma sociedade organisada e no meio d'hum diluvio de leis repressivas, a fundar hum governo *extralegal*, do qual he o chefe supremo e absoluto: hum poder que, fundado na fragil base do favor popular, ha vinte annos que dura e se engrandece cada dia mais; poder qual não tem existido já mais, que se estende por toda a parte, embora os seus direitos não estão escriptos em nenhuma; que se exerce a face do sol sem outro meio de

acção que o clogio ou o vituperio; que tem paga a sua lista civil antes de ter votado o imposto legal; que impõe contribuições, dá conselhos que são mais poderosos que leis, e conduz, por assim dizer, com a mão e com os olhos, sete milhões de homens. Façamo-nos cargo por hum momento da posição deste mediador interessado entre a Irlanda e a Inglaterra, isto he, entre o escravo impaciente do jugo, sempre disposto a sublevar-se e o senhor cansado de ceder e impellido à violencia pela irritação. Entre essas paixões tão contrarias, das quaes huma he mais impetuosa que a outra, vejamos esse homem que ensina ao escravo como deve suprir à força com a astucia e ameaçar sempre e não atacar jamais; e *pacificamente agitado*, estar sempre no limite extremo que separa a resistencia legal da revolta: quem a terra humas vezes o amo com o echo de sua voz, outras canta os seus louvores, gesticula como hum possesso no meio das praças publicas, e em seguida se veste de marquez e vai fazer a corte: disputa como advogado e troa como tribuno: que reune com enormes proporções as qualidades e os defeitos mais opostos, a astucia e a franqueza, a prudencia e a violencia, a energia e a subtileza, a dignidade e a grosseria, as mais vulgares e as mais elevadas declamações. E tudo isto he forçoso

— “Ora bem! Ihe digo, que tal he o sitio! Elle estava tão pallido como a morte.

“ Vamos, continua eu, bem vejo que não será ainda para hoje.

— “ Tu te enganas, respondeu elle, minha resolução está tomada; falta-me somente huma corda.

— “ Como, lhe digo, não conheces o sitio?

— “ Que sitio?...

— “ Aquelle em que occultastes o pedaço de fio de carrete, e que mettestes em vossa algibeira, no dia em que passavamos pela coroaria.

— “ Com efeito, diz elle, balbuciando, foi aqui que o guardei.

— “ Lá está, ali, lhe digo eu mostrando-lhe com o dedo hum escondrijento a pilha de madeiras, no qual, quinze dias antes, eu o tinha visto esconder o objecto procurado.

“ Elle se abaixou, metteu a mão em huma das aberturas.

— “ Na outra, lhe digo, na outra.

“ Com efeito elle metteu na outra, e d'ella tirou huma fina pequena corda de tres braças de comprido.

— “ Por Christo! lhe disse eu, eis o que faz vir agua à boca.

— “ Agora, o que me he mister fazer? me perguntou elle.

“ Incumbi-me de arranjar já o negocio, que em hum abrir, e fechar d'olhos tudo estará arranjado.

— “ Por vida minha! sim, diz elle, com isso me obsequiarás.

— “ Agradar-vos-hia?

— “ Sim.

— “ Vós m'o pedis?

— “ Eu l'o supplico.

— “ Seja, nada posso recusar a hum camarada.

— “ Dei na pequena corda, hum lindo pequeno nó mo-vediço, amarrei-a a hum dos ramos os mais fortes, e mais elevados, e approximai do tronco da amoreira hum troço de pão, que puz em pé, e que nada mais era preciso do que empurrar-l-o, para haver dois pés de vacuo entre elle, e a terra.

— “ Com efeito, era mais do que era preciso para se enfocar hum honesto homem.

— “ Durante este tempo, elle me via trabalhar.

dizel-o, misturado e confundido em hum sentimento que jamais varia, o ardente amor do paiz natal, encerrado todo inteiro nessa organisação rara, grandiosa e completa que se chama Daniel O' Connell. —

BIOGRAPHIA.

DIRCEU DE MARILIA,

LYRAS ATTRIBUIDAS A DONA MARIA JOAQUINA DOROTHEA DE SEIXAS.

NON OUÇO AS TUAS VOZES MAGOADAS
Com ardentes suspiros
A's vezes mal formados.
Mas vejo, ó cara, as tuas letras bellas
Huma per huma beijo
E choro então sobre ellas.

GONZAGA.

A mocidade brasileira guiada pelo exemplo que lhe abrio o Sr. Magalhães, deu de mão a essas collecções de poesias e rimas que diariamente sahia de nossos prélos com tão pouco credito para a nossa litteratura; era, como diz o Sr. Almeida Garrett, huma indispensavel collecção de sonetos, seguidos de algumas odes, acompanhadas de *idyllios pastoris*, *piscatorios* e até *pharmaceuticos* ou *magicos*, com a competente miscellanea de alguns *epigrammas*, e huma prodigiosa quantidade de *quadras*, *decimas* e *cotxeias*,

"Não estava mais pallido, tinha-se tornado cõr de cinza.

"Quando tudo estava concluido:

— "Eii-o! está acabada a grossa obra: hum pouco de resolução, e em hum segundo tudo estará acabado.

— "O dizei-o, he bem facil, murmurou elle.

— "Notai, repliquei eu, que muito bem sabeis, que não sou eu que a isso vos impillo: ao contrario tudo tenho feito para que renegasseis vosso projecto.

— "Sim.... mas eu o quero, diz elle subindo resolutamente sobre o troço de pão.

— "Muito bem! mas agora esperai, que eu me deite.

— "Deitate-te, me diz elle.

— "Deitei-me.

— "Adeos Rossignol, me diz elle.

— "E elle metteu a cabeça no movediço nô.

— "Muito bem! tirai vossa gravata, lhe disse eu, ide-vos pendurar com gravata? Por vida minha! será huma novidade.

— "Tens razão, murmurou elle.

— E tirou a gravata.

— "Adeos Rossignol, me disse elle pela segunda vez.

que não havia ahi pacienza, nem tempo para ler. Ao exemplo dos *suspiros poeticos* e *saudades* temos mui bonitas collecções de lyrics que assaz honram a litteratura nacional: deixaram-se pois os nossos poetas de *idyllios* e toda essa alluvião de versinhos annões e annans Nerinas, e buscaram tomar suas produções mais interessantes, nas quaes predominia huma como idéa geral, que encadeando humas ás outras transmite à collecção hum caracter de poema pela unidade do pensamento.

Possue a litteratura brasileira presentemente algumas elegantes collecções de poesias lyrics que estão nesse caso; citaremos além dos *Suspiros poeticos* e *saudades* já tão conhecidos e apreciados, as *Brasilianas* do Sr. Araújo Porto Alegre, cujo colorido, cujo rigor patenteiam huma imaginação ardente como a imaginação de Lord Byron; os *Canticos lyricos* do Sr. Teixeira e Sousa, nos quaes o cantico *A Pharsalia* fulgura como o *Napoleão em Warteloo* nos *Suspiros poeticos*, com toda a magestade da poesia epica, como o fragmento de huma epopeia; as *Modulações poeticas* do Sr. J. Norberto como a modulação do sabiá prestes a deixar o ninho, pois que são elles as poesias da infancia do poeta, saudado ao sahir do berço pelo Sr. Porto Alegre. Os

— "Adeos, Sr. Lambert, coragem, vou fechar os olhos para nada ver.

— "Com efeito he terrivel de ver-se....

— "Dez segundos se passaram durante os quaes eu tinha os olhos fechados: mas nada havia que me indicasse que ocorrria perto de mim alguma cousa de novo.

— "Eu os tornei a abrir. Tinha elle ainda o pescoco introduzido no nó movediço, mas sua cõr não era mais a de hum homem, era a de hum cadaver.

— "E então? he digo.

— "Elle, deo hum suspiro.

— "O' pa! Chyverny! exclamei eu fechando os olhos, e fazendo hum movimento, que segundo julgo fez cair o troço de pão.

— "Soccorro, soccorro....! procurava embalde gritar Gabriel Lambert, sua voz se extinguio como que apertada em sua gueia.

— "Senti movimentos convulsivos que faziam tremer a arvore, hum não sei que parecido com hum rale....

— Depois, após hum minuto tudo estava acabado.

— Não me atrevia a mover-me, nem a abrir os olhos, affectava estar dormindo; tinha eu visto o pa! Chyverny,

beijos, poesias eroticas do mesmo auctor, onde predomina a voluptuosidade e amor, mas de mistura com huma melancolia tão terna como a poesia de Sapho; *Armia*, poesias tambem eroticas ainda do mesmo auctor, nas quaes o amor todo puro e angelico para sempre apodera-se de seu coração, e que de voluptuoso tem só essa pagina que encerra a *Flor de amor*,

Que involta em brandos ais cocheis, amores.

BOCAGE.

as *Ballatas* do mesmo auctor, tão cheias de reminicencias historicas, tão reflectas de tradições populares; as *Inpirações poeticas* do finado Sr. Dutra e Mello, nas quaes como diz o Sr. Santiago Nunes Ribeiro ha paginas repassadas do scismar mavioso das almas ternas, da doce melancolia do poeta pensador; *O ramalhete de flores* do mesmo auctor e igualmente da collaboração do Sr. J. M. do Rozario onde a concisão do estyo unio-se a belleza dos pensamentos tão formosos como as proprias flores de que tratam; *O Alaúde do trovador* do Sr. Sousa Silva que encerra poesias de huma frescura toda romantica, que revela o autor da *Visão, phases do imperio*; *Inauguração do quinto Imperio*, pelo Sr. Santiago Nunes Ribeiro onde a belleza da poesia lyrica se une à magestade da poesia epica; e muito de coração sentimos

bem o conheceis, o guarda-chusmas? dirigir-se para o meu lado, ouvi o bruido de passos que a mim se dirigiam, em fim senti que me davam hum violento pontapé nos rins.

“Balt! o que ha, onde estão os outros? disse eu tornando a mim e fingindo que me acordava.

— “Aconteceu que em quanto dormias, patife, tua camarada enfureceu-se.

— “Que camarada? cil-o, he verdade, fiz, como se absolutamente tudo ignorasse.

“Vistes alguma vez enforcados, Sr. Dumas, he horroso. Gabriel principalmente estava disforme. Deve-se julgar ter elle muito luctado, pois que estava grandemente disfigurado; os othes como que pareciam sahir-lhe da cabeça, tinha a lingua toda fora da boca, e estava agarrrado à corda com as duas mãos, como se quizesse subir por ella.

“Minha physionomia exprimia tal espanto, que creram ignorar eu todo o negocio.

“Depois remecheram na algibeira de Gabriel, e acharam o pedaço de papel, que me absolvia inteiramente.

não podermos igualmente mencionar aqui os *Ensaios poeticos* do Sr. Basilio e os *Pensamentos poeticos* do Sr. Araujo opuseulos que alias encerram algumas produções que podem ler-se, mas que nunca constituiram livros pelos quaes possa julgar-se do merito de litteratura de qualquer poesia. Essas poesias á annos, e em aplausos de actores, são folhas volantes de ephemera existencia; desprendidas em seus peciolos, cil-as ahi que se deslizam sobre as aras do sopro do esquecimento, que levam-as de vale em vale, e lá redemoram em poeira, como bem diz Delamartine:

Quand la feuille des bois tombe dans la prairie,
Le vent du soir s'eleve et l'arrache aux vallons.

Assim vamos pois de dia para dia progredindo com esses ensaios; e eis-ahi que para mais avultar a nossa tão mal querida de nossos poeticos como mesquinha litteratura, acaba de sahir de nossos prelos hum interessante opuseculo. — *Dirceu de Marilia*, colleção de lyras attribuidas a Sra. D. Maria Joaquina Dorothea de Seixas, que tão cantada foi n'aquellas tão celebradas lyras que para logo immortalisaram o infeliz Gonzaga.

Pensamento tão feliz, qual o de completar o poema dos amores e saudades de Gonzaga, como Delamartine completou o *Child-Harold* de Lord Byron, mereceu os elogios dos que

“Despenduraram o cadáver, metteram-no em huma padiola, e conduziram-nos a ambos para a enfermaria.

“Depois foram prevenir o inspector, durante este tempo fiquei junto ao corpo do meu companheiro, ao qual estava aferrolhado.

“No fim de hum quarto de hora o inspector entrou, examinou o cadáver, ouvio a relação do pal Chiverny, e me interrogou.

“Depois absorvendo em si toda a sua sabedoria para dar huma decisão.

— “Hum para o címitero, o outro para o calabouço.

— “Mas, meu inspector!.. exclamei eu.

— “Por quinze dias, diz elle.

— “Cafei-me.

“Tinha medo que me dobrassem o castigo, o que acontece ordinariamente quando se reclama.

“Levaram-me, e metteram-me no calabouço, onde fiquei quinze dias.

“Saindo do calabouço, deram-me por camarada Perce, orelha, hum bom rapaz, que não conhecéis, e que ao menos conversa.

“Eis, M. Dumas os detalhes que tive a honra de colher.

preciam as letras e ainda mais dos curiosos que adoram e repetem de cór os canticos do desditoso cantor da belleza de Villa-rica, e a publicação não desmentio a expectação publica.

O Sr. Norberto que apresenta-se como edictor do opusculo de que vamos tratando, não o dá como de sua produção, mas também não o nega; deixa huma duvida... e dessa duvida nasce o desejo da leitura.... e da leitura a illusão não resta duvida.... as lyras são da celebrada amante de Gonzaga!... O poeta identificou-se com seus amores, padeceu suas saudades, para poder exprimir-se como exprimir-se-hia ella mesmo, se ella mesmo escrevesse essas lyras.

A simplicidade de Gonzaga he tamanha que torna-se difícil de qualquer imitação; he pois o mérito que essencialmente deveria faltar como falta ao *Dirceu de Marilia*. Comparando-se, porém, as produções do autor com a recente publicação, força he confessar que muito estudo fez elle para reproduzil-a; mas para que? Por ventura he de rigorosa obrigação que a formosa *Marilia* tenha a mesma simplicidade no seu dizer que o seu *Dirceu*? Certamente que não.

He indisível o prazer para os que sabem de cór, para os que repetem, para os que leem a *Marilia de Dirceu* ouvir como hum echo

para respeitosamente vol-os offerecer, certo de que n'isso vos agradaria. Se bem tenho comprido o meu propósito, escrevi, eu vol-o rogo, ao nosso bom doutor Layergne, que me dê de vossa parte, huma libra de tabaco.

"Tenho a honra de ser com o mais profundo respeito,
"Seuhor,

"Vosso muito humilde, e assaz obediente servo,
"Rossignol,

(1) "de residencia em Toulon..."

XVIII.

PROCESSO-VERBAL.

Pelo mez de outubro de 1842, tornei a passar por Toulon.

(1) Aqui finaliza a carta, a qual abunda em erros de orthographia, e não a transcrevemos por ser algum extensa.

essa voz que lhe responde quasi com a mesma docura de metrificação, quasi com as mesmas palavras, senão com a mesma simplicidade.

Si *Dirceu* lhe diz:

Eu *Marilia* não sou nenhum vaqueiro,
Que viva de guardar albelo gado
De tosco trato, de expressões grosseiro,
Dos frios gêlos e dos sôes queimado;
Tenho proprio casal e nelle assisto
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite,
Das brancas ovethinhas tiro o leite,
E mais as finas lâs de que visto.
Graças, *Marilia* bell.,
Graças a minha estrela.

Marilia lhe responde:

Eu *Dirceu*, não sou pastora
De abastado;
Grosso gado;
Nem casal tenho que valha
A pena de ser notado.
Tenho minhas
Ovelhinhas
Na maior estimação;
Si não tens em mim bens altos
Tens hum firme coração.

Outras vezes porém, e d'aqui a maior illusão, he *Dirceu* quem parece responder-lhe, depois de ouvil-a.

Diz *Marilia* lá de Villa Rica:
Mal hoje o monstro
Que te condenna
A tanta ausência,
A tanta pena!

E *Dirceu* lhe responde da Cadêa velha:

Não praguejes, *Marilia*, não praguejes,
A justiciera não que lança os ferros;
Não traz debalde a vingadora espada,
Deve punir os erros.

Não me tinha esquecido da notável historia de Gabriel Lambert, e senti-me apossado da curiosidade de ver, se as cousas se tinham passado, como meu correspondente Rossignol me havia escrito.

Fui fazer huma visita ao commandante do porto,
Desgraçadamente ignorando eu, se havia operado huma mudança.

Seu successor mereceu com o mesmo agrado, e, como pelo seguimento da conversação me pedisse elle de dar-lhe minhas ordens, confessel-lhe que minha visita não era de todo sem algum interesse, e que eu desejava saber o que era feito de hum forçado chamado Gabriel Lambert.

Immediatamente mandou chamar seu secretario, era hum jovem que elle tinha trazido consigo, e que apenas havia hum anno que estava em Toulon.

— Meu caro Sr. Burand, lhe diz elle, informai-vos se o condennado Gabriel Lambert está ainda aqui, finalmente tratai de nos informar sobre o que he feito d'elle, e quais as observações a seu respeito.

O jovem sahiu, e dez minutos depois entrou com hum registro aberto.

A primeira parte, *Amores*, contém lyras de huma belleza tão natural que parece reflectil-a da *Marilia de Dirceu*. Como he todo cheio de amor, saudade e ternura todo o trecho seguinte:

Si para nunca mais voltar as minas
Se partisse sem mim, ah nesse dia
A tão cruel ausencia
Triste succumbiria !

Não são-lhe as outras lyras inferiores nem em estylo nem em harmonia de versificação : citaremos as I, II, III, VII e outras muitas como as melhores.

A segunda parte, *saudades*, compõe-se de tristes e sentidas lyras, perfeitas elegias de amor e saudade d'aquelle que deplora o seu amante, ausente e metido n'uma masmorra, sepultura de hum semi-vivo corpo como elle mesmo o diz, d'aquelle que se lastima assim :

Longe de mim o meu Dirceu respira,
Respira e ai de mim não sei aonde,
Que infame, atroz calunia
Em vil masmorra o esconde.

D'aquelle que o chora porque o perde para sempre que já toda a confortação de esperança evacceu-se-lhe !

— Eia, senhor, me diz elle, se quizerdes ter o trabalho de ler estas poucas linhas, ellas cabalmente vos satisfarão.

Assentel-me diante de mesa em que elle tinha posto o registro, e li o que se segue :

« Hoje cinco de junho de mil oitocentos e quarenta e hum, eu Lourenço Chiverny, lugar tenente de primeira classe, dando hum posseio pelo estaleiro, durante a hora de repouso concedida aos condenados por causa do grande calor do dia, declaro ter encontrado o chamado Gabriel Lambert aos trabalhos forçados perpetuamente, enforcado em huma amoreira, à sombra da qual dormia, ou fingia dormir seu companheiro de ferros, André Toulmar, por alcunha Rossignol.

« A este aspecto, meu primeiro cuidado foi de acordar este ultimo, que manifestou a maior surpresa possível por semelhante acontecimento, e afirmou não ter n'isso complicidade alguma. Com effeito depois que se despendeu o cadaver, remexendo-lhe na algibeira achou-se hum bilhete escrito por seu punho, e assim concebido :

« Hoje cinco de junho de mil oitocentos e quarenta e hum, durante a hora de repouso que nos he concedida, e em quanto dormir meu camarada Rossignol, conto executar a resolução que hei a longo tempo tomado de me suicidar, por se me ter tornado insuportavel a vida da calceta.

« Escrevo esta carta afim de que Rossignol não sofra sem ser culpado algum castigo.

« Gabriel Lambert. »

E o tio me diz agora
Que não quer, que não consente
Que eu jamais esposa seja
De hum réo, de hum inconfidente.

Todas as lyras da segunda parte são de grande interesse e lembram a cada instante as melhores passagens da *Marilia de Dirceu* ; n'esse caso estão as II, IV, X, XVI, XVIII, XX, XXII, e XXIV.

Muitos que teem lido o presente livrinho, lastimam que não sejam essas elegantes lyras em maior numero, ou em numero igual as de Gonzaga, o erro porém de que queixarnos-hemos será o da edição que podia ser melhor ; e se por ventura fosse no formato e typo da ultima edição da *Marilia de Dirceu* dos Srs. Laemmert precedida da introdução do Sr. Pereira da Silva ficamos que ganharia muito e daria tanto realce a esta como á aquella. Seria assim, que já o he, o vínculo que uniria a litteratura brasileira á portugueza já tão communs aos dous povos irmãos.

A propósito da nova edição, bem estimariam os que o Sr. Dutra Mello a tivesse lido com mais cuidado, pois que os erros grosseiros que nota nas outras edições, si não aparecem

« No entanto, como o condenado era conhecido por sua excessiva covardia, e parecia incrivel ter-se elle enferrado sem a ajuda de seu companheiro, ao qual elle estava unido somente por huma corrente de dois pés e meio, tive a honra de propor ao Sr. Inspector, de mandar para o calabouço, por hum mez, André Toulmar, por alcunha Rossignol.

« Lourenço Chiverny »

« Lugar tenente de 1.^a classe. »

Abaixo estavam escriptas em letra diferente, e assignadas de huma simples rubrica as tres linhas seguintes :

« Que se entre este tarde o denominado Gabriel Lambert, e que seja imediatamente enviado ao calabouço e por hum mez o chamado Rossignol.

« V. B. »

Tomei copia d'esse processo verbal, e expoulo aos olhos dos leitores, sem n'elle alterar huma só palavra que ahí encontrarão confrontando com o que me havia escripto Rossignol, o complemento natural e completo da historia que acabo de contar.

Observarei somente que admirei a viveza do honrado lugar tenente, mestre Lourenço Chiverny, que adivinhou ao encontrar o cadaver de Gabriel Lambert, que seu companheiro André Toulmar, por alcunha Rossignol, parecia dormir, mas não dormia.

FIM.

TRADUZIDO PELO SR. ANTONIO JOSE' LEITE LOBO.

em tão avultado numero, não o deixam com tudo de apparecer na presente, e o mais he, até com versos errados que causam vergonha que os deixassem passar o conhecimento que necessariamente deve ter o Sr. Pereira da Silva da mctrificação portugueza.

Ha estrophes inteiras com versos errados !

Olhos baços e sumidos,
Macilento, e descarnado,
Barba crescida e hirsuta,
Cabello desgrenhado.

Ah que imagem tão digna de piedade !
Mas he minha Marilia como vive
Hum reô de magestade !

Tal he a estrophe 4.^a da lyra 2.^a da segunda parte. Agora perguntaremos nós si os tres primeiros versos não deveriam ter sete syllabas como os outros das outras estrophes ?

Na primeira lyra da mesma parte ha outro erro grosseiro, filho da nova edição !

Elle me diz que faça do pé de huma
Má laranja ponta.

Não ha sentido grammatical ; o poeta escreveu :

Elle me diz que faça no pé de huma
Má laranja ponta.

E fóra hum nunca acabar o reproduzir aqui os erros de todas as paginas e as inexac-tidões historicas da introducção, onde até os nomes proprio-vem adulterados! . . .

E pois agora pediremos ao edictor do *Dirceu de Marilia* que visto achar-se quasi esgotada a edição, que encete nova precedida da *Marilia de Dirceu* declarando que a terceira parte he como dizem, do Sr. José Eloy Ottoni, e dando-lhe por introducção o seu importante trabalho sobre o cotejamento das diversas edições, analyse das traducções, critica da obra, vida do poeta, e historia da inconfidencia ; trabalho este que sabemos que emprehendeu por conselho do Sr. conego Januario da Cunha Barbosa, e que acha-se quasi concluido, e assim teremos nós huma obra completa, que poderá ser illustrada com a estampa do quadro do Sr. Meffra, e o retrato da autora presumida.

E não desanime com silencio das folhas politicas, que como bem dice o Sr. Porto

Alegre em presenca de muitas pessoas, he huma obrinha que tem de ficar ; e como aconselhou-lhe o Sr. conego Januario da Cunha Barbosa, he hum opusculo que atirado ao publico tem ainda muito que lhe merecer os cuidados ; deve revel-o, acrecental-o com as lyras que assevera possuir na sua introducção.

D. M. N

O PREÇO DA VIDA.

A vida he huma rapida carreira em que huma serie de sucessos prosperos ou adversos fazem o homem mais ou menos feliz ou desgraçado : a vida he hum bello dia em que huma aprazivel aurora annuncia huma alegre manhã que prepara a serena tarde para terminar em huma noite tranquilla em que a creatura, privada da luz, como a morte extingue os gozos passageiros desta terra, se entrega aos braços d'hum doce sonno para accordar à chegada do novo dia, assim como a alma se transporta ao paraíso onde gozará de eternos e não conhecidos prazeres. A vida em siun está symbolizada, no decurso dos annos em que floridas primaveras bosquejam o ardente estio que pouco a pouco murcha o melancolico e sombrio inverno. Allienado o homem segue as suas fantasias a pezar dos vaines do tempo, e ancioso por viver busca nos perigos a existencia. Sim, o sopro da esperança conduz essa fragil barquinha da vida por sobre o borrascoso mar de tão imnumeras contingencias, e o seu destro timoneiro, o habil medico, lhe aparta os escorilos que a cada passo encontra na sua carreira. Muitas vezes, atrocmente combatida ella pelos poderosos inimigos que a cercam, luta com elles e ao fim triumpha, pela só força do desejo innato da conservação. Outras vezes, de todo rendida pelos seus formidaveis contrarios, acude ao socorro do medico para que o vigore rompendo as suas cadeas, e, a exemplo do Messias, restaure ao homem o maior bem que pôde possuir sobre a terra.

Todos amam a vida e por ella todos fazem,

immensos sacrificios; todos renunciam os afa-gos da fortuna por amparal-a quando a vem em luta com os perigos. O solitario no meio do deserto suspende a sua austera peniten-cia quando a dor lhe impede o exercicio de suas devotas praticas: e o homem publico, apartando-se do complicado laberyntho da politica, se guarda no silencio para mitigar as suas fadigas com o descanso; o joven, quando agitado pela turbulencia das paixões se sente desfalecer, abandona o campo de suas aventuras para guarnecer-se debaixo da sombra da medicina; e o ancião mesmo que em cada huma das rugas de seu rosto conta os annos de sua idade, retrocede das bordas do sepulcro como espantado-pela vista de seu proximo fim. Nada se faz no mundo que não se resira a conservação da vida: o me-nino procura no regaço de sua mãe o abrigo da existencia, e de seu seio extrahe o ali-mento que impaciente busca para matar a sua fome. o joven na sua época feliz e peri-gosa, arrastrado pela corrente de seus desor-denados desejos, procura, para mitigar as suas inquietações huma companheira que, identi-ficando-se nella o amor com a amizade, ponha fim ás ancas que agitavam a sua paixão e os seus desejos. Na sua idade media, o homem commovido pelas serias atenções da vida, dirige os planos em que traça o por-vir de seus filhos, e o velho decrepito, ani-mado pela esperança de prolongar a sua exis-tencia, athesoura a sua fortuna, com cuja vista recreado o seu animo no meio de lisongeiros projectos, dá pezaro o seu pos-treiro alento.

Não ha quem não trema ao ver proximo o seu termino fatal; o homem justo ao repre-sentar-se na sua mente o quadro de sua vida, embora immaculado, gime no leito mortua-rio ao contemplar a separação de seus amigos; e aquelle que agonisa com a memoria de suas más acções e sob o peso dos remorsos, deixa o tempo a despeito seu, e passa á terrivel eternidade. Chora o filho ao receber os ulti-mos conselhos do choroso pai; chora a mãe

ao deixar orfã a terna filha; chora a esposa que ao enxugar as lagrimas de seu esposo moribundo, recebe as postreiras demonstrações do cordial carinho; chora emsí o genero humano, quando a morte vai cortar as rela-ções que fazem a vida veloz e alegre.

Hum bem de tanto preço devemos pois conserval-o a todo o custo e quando se acha ameaçado pela decadencia ou a morte, deve-mos empregar todos os meios que sejam mais efficazes para salval-o. Entre estes meios o maior, depois do regimen no modo de viver, he sem duvida a influencia do clima e da temperatura, e o respirar hum ar puro, salutifero, livre das exhalações imundas desses miasmas que formam a atmosphera das cidades populosas, especialmente das que se acham cercadas de montanhas que impe-dem a livre ventilação do ar. Nas immediações desta capital no morro do castello exis-te pois hum estabelecimento proprio para o tratamento e convalescencia dos doentes; a sua situação e particularidades são talvez as melhores que possam achar-se; e será objecto de outro artigo a descripção deste sítio, a fim de que possam fazer uso delle aquelles que o ignorarem.

EPHEMERIDES UNIVERSAES,

OU

SEMANARIO HISTORICO.

(CONTINUADO DO NUMERO ANTECEDENTE).

20 1551.— Nasce em Lisboa D. Sebas-tião.

» 1556.— Mem de Sá, governador do Brasil, desbarata os franceses que o haviam invadido, ajudados pelos selvagens Tamoyos.

» 1565.— D. Sebastião he acclamado rei de Portugal, na idade de 14 annos.

» 1669.— Carta regia, para a criação de capitães-móres nas freguezias do sertão do Brasil.

» 1813.— Morte do poeta allemão Vie-land, autor do Oberon.

21 1482.— Lança Diogo de Azambuja os primeiros fundamentos da fortaleza de S. Jorge da Mina, na costa de Guiné.

» 1772.—Principia a trabalhar a casa da fundição estabelecida em Cuiabá.

» 1790.—O medico Guillotin, deputado à assembléa nacional de França, propõe ao congresso, decreto para as execuções de pena de morte o uso da guilhotina por elle inventada, e que delle tomou o nome.

» 1793.—Execução de Luiz XIII, rei de França.

» 1814.—Morte de Bernardin de Saint-Pierre, autor de Paulo e Virginia, e dos Estudos e Harmonias da natureza.

22 1508.—Nuno Fernandes de Ataide, governador de Çafim, faz huma correria até as portas de Almedina, na volta he attacado duas vezes pelos mouros, mui superiores em numero; desbarata-os, e recolhe-se a salvo em Çafim: este feito passa por hum dos mais notaveis das fronteira d'Africa.

» 1788.—Nascimento do celebre poeta inglez Lord Byron, autor do Chil-Harold.

» 1808.—Chegada, no porto da Bahia de S. M. F., e do principe regente, depois de D. João VI.

23 1464.—O infante D. Pedro condestável de Portugal, e neto de D. João I, andando em Aragão he acclamado rei d'aquelle reino e conde de Barcelona.

» 1697.—Lei, concedendo huma casa de moeda á cidade do Rio de Janeiro.

» 1782.—O padre José Nicolao de Azevedo Coitinho Gentel, he nomeado primeiro Bispo de Cuiabá.

» 1845.—O Commodore americano, sob pretexto de que tivera denuncia, que o brigue americano *Porpoise* havia importado africanos, mandou metter a bordo delle huma força e pretendia leval-o para os Estados Unidos; mas o governo do Brasil com toda a razão, oppõe-se, mandando mesmo guarnecer as fortalezas para impedir, até por força a sahida do referido brigue.

24 1529.—Antonio da Silveira toma e queima as cidades de Surate e Reiner na costa de Cambaia.

» 1587.—Martim Affonso de Mello, havendo-se rebellado o rei de Ampara, cidade da costa oriental da Ethiopia, a destróe e manda degolar o rei Estambadur.

» 1712.—Nascimento de Frederico, o grande, da Prussia.

» 1809.—Criação do officio de distribuidor dos Juizes de correição do civil e crime da corte e casa da supplicação do Brasil.

» 1823.—Subscrição mensal para o augmento da marinha de guerra do Imperio do Brasil.

23 1516.—Fazem os Portuguezes de Ça-

sim huma correria contra os mouros; são desbaratados, e morre o celebre Nuno Fernandes de Ataide, terror dos mouros, que lhe chamavam o — *nunca esti quedo*. —

» 1813.—Concordata de Fontainebleau.
(Continua).

VARIEDADES.

A SENHORA LAURENS, CELEBRE VIAGEIRA E PATRIOTICA ESTABELECEDORA DAS FABRICAS DE LINHO EM HESPAÑHA.

Talvez não seja geralmente conhecido que o consumo do linho na Hespanha he maior que o da Inglaterra, França, e Belgica; e o mais extraordinario he que não havia huma só fabrica na Hespanha que fabricasse linho fino, e que todo o linho de qualidade superior que ahi havia, era importado da Inglaterra e da Belgica. Havia contudo ahi tres ou quatro fabricas pequenas, aonde se manufacturava certa qualidade grosseira de linho. Isto atrahio a attenção de huma Senhora chamada Laurens, hespanhola de nascimento, porém creada em huma das cidades manufactureiras do sul da Franga, aonde possuia huma pequena manufactura; consequentemente, depois de muitos trabalhos e despezas, estabeleceu huma fabrica em Aviles, porto marítimo ao norte das costas da Hespanha, aonde depois de encontrar grandes dificuldades, teve tão bom resultado, que na exposição da industria em Madrid do anno passado, os productos manufacturados na fabrica da Senhora Laurens obtiveram o primeiro premio. O governo da Hespanha naturalmente desejoso de promover o progresso de huma empresa de huma natureza tão trancendente, concedeu-lhe imediatamente huma porção de terreno perto de Aviles, aonde se edificava hum grande convento. Foi dado para si e seus herdeiros, com a condição porém de ser transformado em manufactura de linho. Animada com esta concessão, a Senhora Laurens fez huma viagem a Belgica e Inglaterra. Na Inglaterra visitou todas as cidades manufactureiras, assim de levar para a Hespanha as invenções mais modernas de maquinas das fabricas de linho; e logo que foi conhecido o fim de sua viagem, longe de ser tratada como huma rival, o foi com cortesia, e frangueou-se-lhe tudo quando desejou saber. A Senhora Laurens sahio de Inglaterra, e não duvidamos, que antes de hum anno a Hespanha possuirá huma manufactura de linho cujos productos não serão inferiores aos de Inglaterra.

O GLOBO.



NOTICIAS SCIENTIFICAS.

MEDICINA HOMOEOPATHICA.

ARTIGO IV.

(CONTINUADO DO NUMERO ANTECEDENTE).

Quando as substancias heterogeneas, em lugar de entrarem no corpo pelas vias naturaes, entram por caminhos accidentaes e extraordinarios, o procedimento da natureza he sempre o mesmo, com a diferença de ser muito mais violento. Apenas a mais pequena lasca de madeira ou de outra qualquera substancia se introduzio nos nossos tecidos, no mesmo momento o principio da vida começa a reagir contra ella por todos os meios possiveis; e em quanto a não põe fôra do corpo, não desceansa. Para o conseguir, não ha expediente a que não recorra, nem sacrificio que lhe pareça demasiado: a dôr, a inflamação, a suppuração, e, em ultimo recurso, a gangrena e a destruição da parte, tudo lhe serve. Em algumas casos raras, quando nem este pouco obteve, recorre a outro expediente mui curioso: põe em rigoroso bloqueio o inimigo que lhe não foi possivel afugentar; desenvolve em torno delle huma especie de sacco membranoso, de natureza fibrosa ou serosa; e, destacando para este cordão sanitario huma parte das forças da vida, dá-lhes ordem para que não consintam a mais pequena ingerencia do

inimigo bloqueado na administração do sistema, e para que aproveitem qualquer oportunidade que se lhes offereça de anniquilal-o e destrui-lo. He deste modo que as balas se conservam annos e annos no nosso corpo, inteiramente separadas do resto do organismo, em cujos phenomenos não tem a minima participação.

Outro exemplo ainda mais curioso deste mesmo processo da natureza que acabo de considerar, he a maneira por que o principio da vida cura as apoplexias nos casos em que elles podem curar-se, supponho que todo o medico deve saber em que consiste huma apoplexia: he huma ferida de substancia cerebral, produzida pelo derramamento de certa porção de sangue que se extravasa. Se a lesão do cerebro he grande, não pode o principio da vida remedial-a, e o doente morre; se não he grande, pode a molestia curar-se, e cura-se desta maneira. Desenvolve-se preternaturalmente em torno do sangue extravasado huma membrana da natureza das serosas: o coelho sanguineo ali fica em rigoroso bloqueio, separado do resto da massa cerebral; porém os vasos absorventes que entram na composição da membrana vão-o absorvendo pouco a pouco até o rosso com os seus folhetos muito unidos, e for-

mando huma especie de callo ou cicatriz, no sitio em que o derramento havia tido lugar. He causa verdadeiramente curiosa e interessante fazer a secção do cadáver de hum doente que tenha succumbido a hum ataque de apoplexia, depois de ter escapado de outros. Encontram-se no cerebro tantos callos ou cicatrizes, quantos foram os ataques de que o doente sarou; e acha-se, além disto, huma laceração da substancia cerebral, e nella huma certa porção de sangue extravasado: he a ferida correspondente ao ataque mortal que o principio da vida não teve forças sufficientes para vencer.

Sendo pois esta a maneira constante de obrar da natureza para com todas as substancias heterogeneas que entram no nosso corpo, como se pode suppôr que o principio da vida tolere a entrada nos nossos vasos de substancias tão nocivas como são os diferentes virus, e que não reaja immediatamente contra ellas, ou para assimilal-as, ou para expelli-l-as? Como se pode suppor que o systema sanguineo, onde (vejam-se as experiencias de Nysten) não pode ter entrada huma só bolha de ar sem que o individuo morra, nem outra qualquer substancia innocentissima sem pôr a vida em perigo (Physiologia da Autenrieth), admitta de boa vontade substancias de tal maneira nocivas que hão de derrancar a massa inteira dos líquidos, sem que o principio da vida succumba, ou sem que as ditas substancias sejam logo postas fora do corpo pelos orgãos secretórios? Como, finalmente, acreditar-se que o virus syphilitico, segundo a heteropathia pretende, possa andar girando annos e annos na torrente circulatoria, sem produzir o minimo inconveniente, nem dar o minimo signal de si, e que só depois de tanto tempo he que recupere toda a sua actividade malefica para produzir, sem nova infecção, todos os symptomas da molestia venerea? Isto he incomprehensivel! Isto he absurdo!

Seja, porém, não sómente possível, senão ainda verdadeira toda esta immensa caterva de absurdos: estará ao menos em harmonia

com as suas absurdas hypotheses o tratamento aconselhado pela medicina heteropathica nas diferentes molestias que ella attribue aos virus? Não sei se he para rir, se para chorar, ouvir o que dizem heteropaticos, quando se trata de prescrever o tratamento de huma molestia herpetica ou syphilitica, ou qualquer outra de natureza analoga. « Toda a massa do sangue está corrompida (diz hum); *demos-lhe huma ventilaçāo*. » Se o doente se sangra, e apparece no sangue o minimo indicio de crusta pleuritica: Não vos dizia eu? (torna elle). Olhem o estado em que o sangue se acha! *Recipe*: segunda sangria, terceira sangria, quarta sangria.»

Valha-me Deos verdadeiro! Pois se a massa do sangue está realmente derrancada, com o se diz, por ventura a scisura que eu acabo de fazer na vêa tem a propriedade de somente deixar sahir o mão e de embaracar a saída do bom? !

« Não o sangremos (diz outro). A infecção não está sómente na massa do sangue; está nas glandulas, está nos ossos, está nos líquidos, está em toda a parte. Expulsemos o inimigo pela salivação, e demos ossialagogos; ponhamo-lo fóra pelas primeiras vias e prescrevamos purgantes e vomitorios; promovamos-lhe a saída pelas urinas ou pelos suores, e presrevamos hum longo tratamento diaforetico e diuretico. »

A'qui da razão! A'qui do bom senso! A'qui de todos os principios e regras de disorder! Pois se vós dizeis que o virus syphilitico he hum fermento que se reproduz a si mesmo dentro do corpo, e que comunica a sua propria natureza a toda a massa dos líquidos, infisionando-a e derrancando-a, como diabo esperais que os vossos evacuantes sejam sufficientes para pôr o inimigo fóra do corpo? Não vedes vós que por mais evacuantes que deis, a ultima gotta de liquido que ficar dentro do organismo, hâde, pela propriedade de fermento que vós lhe concedestes e que ella já recebeu do virus, reproduzir a infecção e o mal em todos os outros liquides que di-

novo se forem formando? Então se a vossa hypothese he verdadeira, sêde ao menos consequentes comvosco mesmos: tirai o sangue todo ao doente: privai-o de toda quanta bile, serosidade e mais humores elletiver, porque segundo a vossa doutrina, he a unica maneira possivel de produzir a expulsão inteira do virus.

Todos os argumentos que ficam expostos são fortes, mas indirectos: porém a verdade hâde ser sempre verdade por qualquer lado que a contemplem; e para que não haja falta de argumentos directos, eis-ahi dous, a qualquero dos quaes não vejo resposta possivel.

Faça o medico heteropathico, que quizer sinceramente desenganar-se, duas experiencias, e seja huma em si, e outra em algum doente da molestia syphilitica que a occasião lhe depare. A primeira experiençia he esta. Ponha-se o medico heteropathico no uso exclusivo do mercurio, e administre-o como quizer; em fricções, em pilulas, em liquido, ou debaixo de qualquer outra forma que queira. Se for constante na applicação do remedio, eis aqui o que lhe acontece. Primeiro começam a inchar-lhe as gengivas e a vacilar-lhe os dentes; dahi a pouco aparecem-lhe ulceras na garganta com todos os symptomas das ulceras syphiliticas; mais tarde está com dores osteocopas, os ossos começam a cariar-se.... n'huma palavra, está pouco mais ou menos com huma molestia venerea no corpo. Se isto he assim (e não tem duvida nenhuma que he), huma de duas: ou o virus syphilitico he huma entidade chimerica, ou o mercurio e o virus syphilitico são huma e a mesma causa; escolham.

Quanto ao medico homœopathic, esse nenhuma dificuldade tem em explicar o phe-nomeno. O mercurio he o remedio homœopathic da molestia venerea; e a razão porque ele a cura no homem doente, he precisamente porque pôde desenvolver outra molestia muito analoga no homem são.

A segunda experiençia não será menos con-

veniente que a primeira. Appareça hum doente com a molestia venerea no maior grão de adiantamento que se quizer soppôr, contanto que não haja complicação de *psora* (toma-se esta palavra no sentido de Hahnemann que em tal caso, se deve curar primeiro). Tenha o dito doente ulceras na garganta, rhagadas no anus, dôres nos ossos, etc., etc. Pois, não obstante tudo isto, algumas nihilidades da decima quinta divisão de oxydulo de mercurio são sufficientes para acabar com todos estes symptomas de huma maneira completa e radical. Como he isto? Pois se o virus venereo existisse no corpo em tanta quantidade como tantos, tão graves e tão espalhados symptomas devem fazer soppôr, tão pequena quantidade de mercurio seria bastante para neutralisa-lo e destrui-lo? He evidente que em todos os casos desta natureza tudo se reduz a hum effeito *dynamico*. A impressão da causa morbilica sobre o principio da vida he que produzio a molestia; a impressão da substancia medicinal sobre o mesmo principio da vida he que foi a causa da cura.

Supponho que tenho demonstrado de huma maneira concludente e irresistivel que a doutrina da existencia dos virus he absurda, e absurdo por consequencia todo e qualquer plano de tratamento que tenha semelhante doutrina por base. Em outra serie de artigos apontarei alguns exemplos de curas homœopathicas para servirem de confirmação aos principios que ficam estabelecidos.

CIRCULAR

Ilm. *Senhor.*

A Directoria do Instituto Homœopathic do Brasil tem a honra, e cumpre o dever de convidar-vos a que façaeis parte dessa Instituição scientifica e philantropica dignandovos aceitar o Titulo de seu socio efectivo.

1.º A propagação dos principios da doutrina dos semelhantes, dessa doutrina que entrevista por todos os genios superiores da

medicina, patenteada por milhões de factos, cuja explicação se pretendia em vão dar satisfactoria, e por Jenner posta em pratica, esperava somente o genio transcendente de Hahnemann para encaminhar-se ás formas axiomáticas.

2.^o A demonstração pratica da verdade desses principios, demonstração eminentemente proveitosa à saude publica, ao mesmo passo que utilissima á classe indigente por ser feita em sua maior latitude nos consultorios gratuitos para os pobres, sem detrinento algum da saude de tantos indigentes, mas ao contrario com alivios inestimaveis de que os barbaros tratamentos allopathicos jamais foram capazes.

3.^o A modificação manifesta que os allopathos não são forçados a fazer nesses mesmos tratamentos que empregam por em quanto.

4.^o O ensino dessas doutrinas salutares theórica e praticamente á mocidade avida de novas luzes, e generosa por essencia, engrandecendo com experiencias puras o domínio da materia medica homeopathica desenterrando alguns de tantos preciosos tesouros, que esconde em si a terra da Santa Cruz.

Eis o que tem conseguido o Instituto Homeopathico do Brasil desde sua instalação.

1.^o Popularizar a grande descoberta de Hahnemann de tal sorte que o chefe de familia, ou more no centro de populosa cidade, ou viva nos lugares mais ermos dos sertões, possa em seus conhecimentos e com os poucos meios de que se haja provido encontrar remedio a males que insignificantes sempre quando começam, pela demora ou por mal dirigidos tratamentos, são muitas vezes mortaes.

2.^o Multiplicar o numero de bem dirigidos consultorios para que o pobre em toda a parte encontre alivio a seus males sem perda de seu tempo tão necessário á alimentação da misera familia, sem perda do resto de forças pelos arcos infectos dos Hospitaes pelos tratamentos aniquiladores que ahí teriam de soffrer.

3.^o Economizar ao estado, aos mesmos po-

bres contribuintes, grande parte dessas despesas que se não faria tão avultadas se os principios da medicina homeopathica fossem adoptados, se empregados fossem esses cuidados caridosos que são a base do regimen dietetico, se em vez de administrar-se a abundante enormissimas quantidades de substancias medicinaes, que chegariam para os enfermos de todo o Imperio, usadas fossem as simples preparações homeopathicas tão eficazes como a pratica vai mostrando, tão fáceis de tomar que jamais repugnam.

4.^o Preparar finalmente a sociedade para a recepção de aperfeiçoamentos que ha séculos reclama, e que a miseria, a dor e desesperação, causadas em grande parte pelos erros da medicina, tem ha séculos della afastado, e para esse fim dar premios honoríficos aquelles amigos da sciencia e da humanidade que apresentarem os melhores trabalhos de que se possa deduzir positivamente que em si possue o homem todos os meios de gozar sobre a terra todas as aventuras á que foi destinada a humanidade.

Eis o que o Instituto deseja, e pode conseguir, se todos os homens amigos da sciencia, crentes na misericordia divina e consciencios do poder da propria vontade, quiz erem unir-se para o obter e permanecerem unidos contra todos os erros, contra todos os vicios, contra todos os abusos que não podem importar o desenvolvimento de huma verdade qualquer.

Se vos dignaes accitar o Titulo de Socio efectivo do Instituto Homeopathico do Brasil vosso nome subscripto na presente carta será suficiente resposta com que honrareis a Directoria.

Rio de Janeiro de de 1846.

Presidente

DR. MCRE.

1.^o Secretario

J. V. MARTINS.

Cirurgião portuguêz.

Acceito o convite que me dirige a Directoria do Instituto Homeopathico do Brasil a

prometto debaixo de minha palavra de honra fazer quanto em mim couber a favor da Homœopathia e do Instituto.

N. B. As pessoas que receberam já esta circular queiram ter a bondade de reenvial-a assignada à rua de S. José n.º 59. ou a Nictheroy no Cabaçeiro n.º 23. As que não a tendo recebido quizerem fazer parte do Instituto tenham a bondade de o mandar dizer às mesmas casas para lhes ser esta enviada como desejam. Não exigindo o Instituto nem joias nem mensalidades; he a mais liberal de todas as associações: espera que lhe não faltarão o apoio moral de todas as pessoas probas e philanthropicas.

J. V. Martins.

Copia.—Ihms. Srs. Drs. J. Abbott, J. Antunes A. Chaves, e M. M. Rebouças, digníssimos lentes na facultade de medicina da Babia.

Mes honrados collegas.

Ter-vos-ha sido estranho, e talvez de ingrato o meu silencio ha dous annos; mas foi elle bem calculado para haver de conservar intactas nossas relações, que tanto me honram, que tanto prezo. Em quanto eu militava por fazer entrar meus collegas em minhas convicções muitos houve de ferir, muitos perdi; hoje que os factos pesam de mais sobre os sophismas, sobre as incredulidades, para transformar elles em fé sincera, aquelles em demonstrações, já não tenho medo de ferir o vosso melindre e amor proprio, apontando agora para as realidades, que me cancei de antecipar.

Exponho a vosso exame o marinheiro Selvo Augusto, julgado incuravel pela allopathia, e curado por hum só medicamento homœopathic, e vos submetto a historia de seu tratamento. (*)

Meditic, senhores, e vereis que inefaveis thesouros tem posto a providencia em mão dos homens, e quanto he fatuo aquelle que

por ter adquirido huma somma de conhecimentos ainda tal que lhe alcance o nome de sabio, pensa ter assentado as columnas herculeas além das quaes se não vá, quando ignora que existem vastissimos oceanos além, e a quem desses limites.

Moteja-se da lei dos semelhantes; mas não se lhe oppõe lei, hum manequim, feito com as drogas da polypharmacia, coberto com o manto de retalhos do eclectismo, e movido ora para a direita, ora para a esquerda pelo sopro dos grandes homens, que se vão sucedendo na vista medica; eis quanto se apresenta informe e sem criterio em contrario de huma regra simplicissima como tudo que he verdadeiro. Escarnece-se da manifesta acção das penas nas doses; e porque senão comprehende se nega que pela trituração prolongada os corpos mais inertes adquiram propriedades novas; e se pretende oppôr a hum facto incontroverso, a hum facto comprehensível por demais pela analogia e facil de verificar a todos os instantes, as nomenclaturas arbitrárias e systemáticas da velha matéria medica, as autoridades, os nomes de certos homens, mau grado tautos outros, mais grado as provas clinicas em contrario tristemente adquiridas a cada momento.

Vós não fareis assim; eu o espero. Examinado deveis ter as doutrinas homœopathicas, haverdes de ter verificado a acção dos medicamentos segundo a lei therapeutica; eu vos apresento mais hum facto que os vossos confirmam; e vós, que deveis amar a sciencia e a humanidade mais que a vós mesmos, estes factos apresentareis áquelle que em vós esperam ter huma guia seguro no turbilhão de contradições opiniões que por sciencia aceitam.

Quando tive a honra de relacionar-me com vosco foi pondo minha tão limitada habilidade a vossa disposição, e vos dignaste aceitar minha cooperação para alivio de alguns sofrimentos humanos; e com vosco eu dei vista a cegos; agora, que vos recordar quero nossas relações de algum dia, bem desejára que vós me ajudassem a curar cegueira muito mais

(*) Vede o n.º 9 da Nova Minerva.

lamentavel; a que soffre aquelle que os olhos cerra voluntariamente.

Não exiteis meus irmãos em a sciencia: dai vós ao mundo scientifico hum nobre exemplo de amor pelos homens: não queiraes que as escolas do velho mundo, essas que tanto a custo se despojam das rutinas e preconceitos, se avantagem à nascente escola brasileira, toda em flor, toda virgem, não maculada por tradições de immerecida gloria.

A medicina, em quanto foi pratica de imitação, ou de arriscadas experiencias sobre os enfermos, era partilha de huma classe iniciada em séus mysterios; mas hoje que vai tomado lugar no santuario das sciencias, hoje que huma lei possue, como as mathematicas a tem, hoje vai entrar no dominio publico; e assim como em arithmetica, em geometria, em chimica não ha charlatões, a medicina vai deixar de os ter; e assim como qualquer homem pode sem mestre ser chimico, arithmetico, ou geometra, pode tambem ser medico.

Qual be porém o inconveniente que vai seguir-se desta emancipação vós o comprehendeis e sobre vós tem de cahir a mais seria responsabilidade. Comprimir esta expansão do espirito humano he tanto mais impossivel quanto os males que a humanidade affligem são maiores pelos erros da medicina. Dirigir este movimento de perfectibilidade, este he o dever, este he o grande serviço que espera de vós a humanidade inteira.

A escola da homœopathia que aqui temos, com quanto olhada seja com desdém pelos incredulos, que não podem comprehendêr a grandeza de nossos trabalhos nem a força de nossa vontade, já tem produzido em resultado muitas couversões de allopathas ao gremio da verdadeira medicina, e muita instrucção para os alumnos que ali concorrem por huma especie de devoção (que muito contrasta com o ensino ordinario.)

Quando eu instalci essa escola por parte do Instituto tinha presentes, e as nomeei, algumas capacidades medicas que mais tarde ou mais cedo espero haver de contar entre os meus novos collegas; quando abri minha aula

de anatomia e physiologia destinei-vos o primeiro lugar Sr. Dr. Jonathas Abbott, porque vos tinha no meu pensamento, porque vos supponho o melhor anatomico do Brasil, por que me havieis de inspirar, como inspirado tendes, vós que eu tanto prezo.

A essas capacidades medicas, a esse primeiro anatomico, e tão habil medico entregar quizera a direcção desse movimento generoso da mocidade para alcançar meios seguros de prolongar a vida e tornal a mais feliz; quizera assim devolver a mais seguras autoridades a immensa responsabilidade que decorre de huma tão effervescente reacção; quizera tambem que o poderoso auxilio de vossos raciocinios e de vosso desinteresse viesse partilhar minhas fadigos e nossa gloria.

Não tenho eu meritos, nem serviços tenho pelos quaes invoque a vossa cooperação; mas tendes vós intelligencia, amor dos homens, e o vosso nome, e a vossa consciencia, que ouso invocar.

Seja qual for o juizo que possaes ter feito da homœopathia, á vista de tantos factos, á vista de hum pôrvir tão grandioso, deixai que na vossa escola sejam por todos ventiladas as questões que se annexam a esta grande verdade, que sirvo e sirvireis.

Nós vos seguiremos de perto; e não querreis que nos avantajemos.

O impulso está dado: corre sobre inclinado plano a mole immensa da regeneração medica: regulæ vós mesmos este movimento sempre crescente. Ha mil trabalhos de transcendentel utilidade, fructo de incalculaveis fadigas humanas, que ha necessario resguardar dessa corrente impetuosa que não quizerdes moderar e dirigir.

Vós ahí estaeis longe de estranhas influencias; vossos alumnos não ficam engolofados, como aqui, nos prazeres da corte; nem para se conservar neste fogo de deliciosa negligencia tem de curvar-se ás vontades de alguns antigos medicos, esperando haver delles clinica, recommendações, ou empregos. Vossos discipulos vão para as cidades, villas ou certões de suas provincias exercer livremente a medicina com a cultura de suas terras; e pôdem mais independentes servir esta verdade eterna, e vir a ser realmente uteis ao Brasil e à humanidade.

Acceitae, senhores, a expressão mais sincera de meu respeito e veneração por vós, e huma saudade pelos ditosos momentos que passei convosco.

Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1845.

João Vicente Martins.